

FLUXOS E FIXAÇÕES GEOEDUCACIONAIS

(Flows and fixtures “geoeducacionais”)

Conselho Editorial

1

Situada na interface dos projetos de Graduação e Pós-Graduação em Geografia – especialmente aqueles que emergiram da LDB 9394/96 – a Revista GEOSABERES renova-se em sua sexta versão para acolher três comemorações. E, ao mesmo tempo, sugerir aos autores que nos brindaram com esse número, um alerta vigilante contra a fixação de alguns “lugares comuns” da geografia ensinada.

Temos debatido, de forma extensiva significativa, a dinâmica do saber acadêmico e de sua fluidez teórica na construção de uma aprendizagem geográfica menos convencional. De fato, possível colher uma *quase* “indiscutível” preocupação com o movimento das coisas, das palavras e dos sentidos, nos 12 textos que se seguirão. Mas como todo o *quase* nos remete à incompletude dos processos, não custa lembrar que o movimento de leitura precisa acelerar (quando não ziguezaguear) a própria fluidez. Do contrário, o risco das “fixações” tende a traduzir-se, de maneira precipitada, em uma fórmula mágica definidora: os estudos Geoeducacionais são isso... são aquilo... devem ser feitos dessa e não de outra forma...

Fixos devem ser os nossos meios de vigilância para não cairmos nas armadilhas da fixação. Uma incongruência provocadora, apenas. A produção incessante de artigos, ensaios, orientações temáticas e metodológicas é, nesta concepção um *fixo*. A percepção de que o conhecimento geográfico é interdependente da forma comunicacional com que se veicula é outro *fixo*. Pode-se incluir como um indispensável meio de vigilância, também, a manifestação emotiva capaz de indicar a autenticidade de um trabalho científico. Habitualmente se cobra de um pesquisador, em uma banca de monografia, mestrado ou doutorado, o quanto “aquele estudo” tem a sua cara, para além do pleno traço científico. Na condição de cobrados ou cobradores, amiúde ignoramos o corte na fluidez da pesquisa quando desistimos e afirmamos: embora faltando cara, ao menos li/escrevi um trabalho rigoroso!

Eis, ao contrário, a vigilância que observamos nos textos desse número. O rigor pode recuar para que as autorias mostrassem mais e melhor suas caras. Assim é que a fluidez há de permanecer em sua instável contenda frente à cômoda fixação. Antes de apresentar os trabalhos, voltemos às comemorações ditas acima:

A **primeira**, na Graduação em Geografia da UFC, recebemos o resultado do ENADE 2011, e não poderíamos deixar de registrar a merecida reconquista da nota final 4 no CPC – Conceito Parcial do Curso, atribuído pelo INEP-MEC, em uma escala de 1 a 5. Se de um lado os alunos de Licenciatura das turmas 2008-2011 reforçaram o quatro, de outro foram os do Bacharelado que pioneiramente atingiram a faixa de nota 5, apontando para onde estes cursos ainda podem crescer. Os Parabéns memoráveis da Equipe da Revista, para todo esse grupo! A **segunda**, na Pós-Graduação que atingiu neste ano de 2012 a marca de 11 defesas de doutorado e colocando o Programa no patamar de qualidade anunciado oito anos antes quando abriu sua primeira turma de mestrado. Também os nossos sinceros Parabéns pela representatividade dessas titulações! E a **terceira** trata da decisão editorial para as Comemorações do Cinquentenário (1963-2013) e o envolvimento da GEOSABERES nesse processo. A retomada da Semana da Geografia (dias 27-29 de maio de 2013) e o encerramento do Cinquentenário (09-11 de dezembro de 2013) indicam dois espaços de apresentação de trabalhos; e conseqüente exercício de produção experimental de um

número especial para a revista. Uma novidade que remete os Parabéns também para o próximo ano; mas não nos dispensa essa antecipação.

Retornemos aos 12 textos dessa edição:

Começamos com *A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA: A DIFÍCIL CONSTRUÇÃO DO SABER/FAZER DOCENTE*. O alvo é a reflexão sobre a vitalidade das disciplinas de estágio à Docência no contexto formativo da Universidade Estadual de Londrina (PR). Segue a este, *EXPERIÊNCIA VIVENCIADA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLA PÚBLICA DE ENSINO FUNDAMENTAL CLAUDIO MARTINS-FORTALEZA/CE* que mantém a temática do estágio-pesquisa, observando os desdobramentos de locais do projeto *Vamos Cuidar do Brasil com Escolas* e a participação da comunidade na 3ª Conferência Infanto-Juvenil do Meio Ambiente. A cartografia como recurso e desafio das linguagens informatizadas é o tema explorado pelo texto seguinte: *RECURSOS DIGITAIS E CARTOGRAFIA ESCOLAR: POSSIBILIDADES METODOLÓGICAS DE TRABALHO A PARTIR DO ATLAS ESCOLAR ON LINE DO IBGE*.

O 4º texto dessa edição abre espaço para a discussão da pesquisa quantitativa, utilizando índices indispensáveis à compreensão do preço da terra agrícola: *MERCADOS DE TERRAS NO ESTADO DE SÃO PAULO: DETERMINAÇÕES DE PREÇOS PÓS-PLANO REAL*. Assim como no 6º estudo - *A CONTINUIDADE DA DEGRADAÇÃO NA APA DO ESTUÁRIO DO RIO CEARÁ*, tratando de *salientar a relevância ambiental dos manguezais enquanto atesta a intensificação das tensões socioambientais* – procuramos aqui lembrar a vigilância contra a fixação temática: o geoe educacional não demanda apenas temas de ensino de Geografia! Lema que se estendeu, descontinuamente, ao 10º texto, no tocante à cartográfica ambiental *MAPAS TEMÁTICOS COMO FUNDAMENTOS PARA A GESTÃO AMBIENTAL DA PLANÍCIE COSTEIRA DE ICAPUÍ, EXTREMO LESTE DO CEARÁ*.

O que não nos faz esquecer a importância dos temas clássicos. No 5º texto, o observar: *A OBSERVAÇÃO COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ENSINO DE GEOGRAFIA*; no 7º o desafio da pedologia em sala de aula *O ENSINO DOS SOLOS NO ENSINO MÉDIO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA PERSPECTIVA DOS DOCENTES*; no 8º, o lúdico e o ensino infantil: *BRINCANDO COM A CARTOGRAFIA: MAPEANDO A CIDADE*; no 9º o urbano contextualizado *ENSINAR FORTALEZA: POSSIBILIDADES DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA ABORDAGEM DE CONTEÚDOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II*.

Os últimos aportes da *vigília* pela fluidez apresentaram desafio Patrimonial como pano de fundo. O 11º trabalho tratou do exercício de investigação propositiva no estudo *REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE GEOGRAFIA: EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NO MUCURIBE (FORTALEZA-CE) E A CARTILHA DOS SABERES COLETIVOS*. E o 12º, compondo o Espaço Metodológico, vem no intuito de tornar acessível, aos parceiros *hispanohablantes*, os resultados de uma pesquisa de estágio pós-doutoral, realizada entre 2010 e 2012, e resumida na edição anterior desta Revista. Seu título, *CAMINOS DE LA FIESTA AL PATRIMONIO GEOEDUCACIONAL* e seu conteúdo traduzem, de forma mais aprofundada esta luta, contra a fixação de sentidos tão limitados à Educação Geográfica. Mais uma vez, esperamos uma ótima leitura!